

O rodeio do presidente

GERALDO FORBES

E o dr. José Sarney, como diria em mau português o pouco saudoso João Figueiredo, recrudescceu. Se antes Brasília já estava com a mão presa na armadilha, agora entra nela com o corpo inteiro.

Este mau passo aumenta também a influência da ala dura, não brilhante, do poder oculto. O SNI, no passado envolvido em grilagem de terrenos, assassinato do editor de seu pasquim e outros bichos, passa a ser o Serviço Nacional de Invernadas e assume o comando da grande e caótica firma de secos e molhados em que se transformou o governo federal.

Os novos mentores do País esquecem assim uma lição fundamental que deviam ter aprendido em seu curso de Estado Maior — a necessidade da plena identificação do objetivo e a rigorosa avaliação das possibilidades de êxito da empreitada.

Quanto a esta última, é de se duvidar que o simples incremento do abate, caso ocorra, venha a tornar o abastecimento suficiente e a distribuição possível aos preços de tabela. Mas, mesmo admitindo, por hipótese, que se consiga por meio da desarrumação e violência do confisco a arrumação pacífica da comercialização, fica a pergunta: "E daí?" E o objetivo?

Será que o filé-minhon na tabela acaba com a inflação? Será que o lagarto abundante resolve o déficit público? Será que a gostosa picanha solucionará a amarga dívida externa? Ou será que esta chifrada do governo serve mesmo é para enganar os patinhos que buscam o próprio, nas longas filas dos açougues?

Uma coisa é certa: esta gravíssima decisão assusta empresários e investidores, nacionais e estrangeiros. Que dá medo, dá, e se medo fosse fator de produção, a União Soviética seria o paraíso terrestre.

Dizem que o dr. Sarney anda muito satisfeito com a sua popularidade, medida pelo Ibope. Este o mal. Escravo de pesquisas suspeitíssimas e manipuladas, se não pelos autores, ao menos pela servidão dos meios de comunicações e propaganda, o presidente não governa, maneja.

O horizonte de seu interesse é a próxima pesquisa e mais adiante as eleições e uma maioria governista. Os acertos e correções reclamados hoje por todos — economistas de esquerda, centro e direita, de São Paulo e do Rio, do governo passado e até deste e, muito mais importante e confiável, pelas pessoas sérias e sem ilusões — não se farão, já foi dito, até depois de 15 de novembro.

Se a administração federal, possuída pela paranóia da busca aos sabotadores do cruzado, quer mesmo saber quem causou o fracasso do plano, basta olhar para cima. O verdadeiro e grande culpado, do já inevitável naufrágio desta que foi a melhor tentativa de controle da inflação, é o presidente Sarney.

A boa idéia alinhavada às pressas

no calor hiperinflacionário de fevereiro nem chegou a ser um plano bem estruturado. A coleta de aplausos e louros ofuscou os seus responsáveis, que não deram acabamento ao que só era um esboço.

Quando acordaram — se já acordaram — de seu sonho triunfal, descobriram que o que devia ser todo um complexo projeto de reestruturação da economia fora reduzido pela mesquinhez intelectual e política do dr. Sarney a um mero e simplório esquema de congelamento de preços.

Este, o congelamento, de instrumento temporário de reversão de expectativas, tornou-se, nos devaneios dos ministros e no cálculo presidencial, permanente e um fim em si mesmo. Claro que não deu outra. Fenece o plano, tão belo e breve quanto as rosas do soneto.

A desmedida ambição deste presidente de má hora, em buscar a legitimidade que lhe falta na demagogia populista, ameaça jogar de volta o País na confusão. Sua teimosia infecunda arrasta a economia à clandestinidade e ao câmbio negro, enquanto o buraco idem dos subsídios de um lado e prejuízos das estatais do outro ameaçam tragar tudo — impostos legais e empréstimos ilegais.

É um caso único. A economia trabalha a plena carga mas o País não sai do lugar. Não se investe, não se acredita, não se confia.

Solução? Viver a realidade, libertar-se dos tabus. Abandonar o sonho, cair na real. Descongelar para controlar, aumentar tarifas para não quebrar, economizar para não emitir. Esquecer dos índices zero de inflação e cem de popularidade. Enfim, governar com os olhos no futuro e não tomar conta do varejo no presente. O Brasil não é uma churrascaria, embora a vida aqui seja um espeto.

O maior crime que se comete, maior que o ágio e a sonegação, é o crime de postergar a adoção de medidas de salvação geral por causa dos interesses particulares e eleitorais do dr. Sarney. Deixar, de caso pensado, para consertar em dezembro o que se devia fazer desde agosto é a prova irrefutável da pequenez e do impatriotismo do rei.

O rei dá festa. Um rei do bumba-meu-boi.

ELEIÇÕES

• A subida do sr. Orestes Quércia mostra duas coisas — a força do PMDB e a fraqueza da plataforma do sr. Antônio Ermírio. É preciso que ele diga a que veio. Um pouco de continência verbal também não faria mal.

• Uma pena o baixíssimo nível da campanha. Se em São Paulo é assim imaginem no resto do País. Ausência total de idéias, prevalência de slogans. Vazios. Bela Constituinte.

• O dinheiro corre solto. Candidatos preparados, dignos e pobres, como Reale, Bierrenbach e outros, correm o risco de desaparecer, aniquilados pelo poder financeiro. Sobem os que têm mais recursos. Monetários, não morais.